

Da Metáfora ao Mito

Ana Maria Viegas

(UFMG)

*O problema não é inventar. É ser inventado
hora após hora e nunca ficar pronta nossa
edição convincente*

DRUMMOND, *Corpo*

O mito nasce do mistério. E, às vezes, tenho a tentação de perguntar-lhe se é do mistério mesmo ou se é da nossa ignorância. Vivemos de fatos dados e nós mesmos somos um desses fatos. Além disso, somos tão dependentes como seres vivos na escala animal, que mal podemos nos sustentar, acho que até a morte. Se nos compararmos aos outros seres naquela escala, por exemplo a um bezerro ou a um cão, percebemos a distância. Um bezerro, mal é lambido e amamentado, já se levanta e caminha inserindo-se naquilo que até pejorativamente costumamos chamar de rebanho. Nós temos dificuldade de visão, de adaptação da lateralidade ocular, de audição, de andar, de comer, nem diria falar. A vida nossa é todo um aprendizado sempre doloroso. E, no entanto, somos os animais racionais, Os que falam.

Será que não falamos em conseqüência de um enorme esforço para subsistir? O incomensurável esforço de viver?

E assim começamos a buscar o sentido das coisas dadas. E achamos o signo que não é dado; é criado, é inventado e reinventado permanentemente. Daí o sentido daquela epígrafe que furtamos a Drummond.

Por que não assumimos que a busca do sigilo é a própria busca do rebanho? No entanto, se fonte de enriquecimento, fonte também de todos os malentendidos. Mistério da palavra.

Saímos atrás do sentido de **mistério** e do sentido da **palavra**. E, paradoxalmente, chegamos à mesma fonte, e à mesma que nos leva a **mito**, e que nos tira do paradoxo. Em ações contraditórias tendendo a

um só fim, acabamos na busca do sentido escondido debaixo do sigilo. e o sigilo desenvolvido pelo imaginário do outro. É a busca do inatingível rebanho humano. Na tentativa do encontro na comunicação, o encontro do **eu + tu** sem conseguir o **nós** dispersa-se no **ela** ou no **aquilo**, reinventando a significação agora objetal.

Nesse reinventar, a comparação. Se não somos **nós dois**, que sejam **os dois**, aqueles dois aproximados. Até aí, nenhuma alienação pelo menos. Mas, exatamente porque nenhuma alienação, mas também nenhuma identificação, nenhuma definição, levamos essa comparação às últimas conseqüências transformando-as em metáfora. Não nos alienamos nessa metáfora, mas mentimos o **ele** ou o **aquilo** identificando dois valores positivos em luta. Negamos assim o trágico da existência. Pois, se a existência é feita de luta, se a existência é drama, nós evitamos a concretização desse drama. Estamos ávidos dos outros e das coisas. Na busca, entretanto, da sua vida e do seu entendimento, nós transformamos o conflito dramático em conflitos de valores positivos, esses valores cada vez mais se afirmando em luta, e tanto que, nessa luta, quanto mais se afirmam, se dissolvem num nó trágico. O mito seria unia solução relaxante para o conflito trágico.

Desisto do signo, desisto do sentido das coisas, e começo a contar histórias. Mais uma vez, de outra forma, reinvento o signo e, desta vez, nem é mais preciso que o fato exista. Basta ser verossímil. Só quero a poesia do reinventar. Meu reinventar será a minha – quem sabe a nossa? – verdade.

É o que me diz de novo entrar no **corpo** de Drummond me levou àquela e epígrafe e agora me traz a **verdade**:

*A porta da verdade estava aberta
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.*

*Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil da meia verdade.*

*E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.*

*Arreventaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
Diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*

Começo então a criar minhas histórias. Às vezes elas chegam a assumir cunho moral. São as fábulas. Ou são alegorias. – Por que o carnaval brasileiro é internacionalmente famoso, com todos os seus aparatos e seus carros alegóricos jamais sozinhos, mas sempre acompanhados de um samba enredo. O samba que conta história, além de mexer com o corpo associando-se ao balanço de música terapêutica.

Sem falar em todos os outros mitos religiosos, pensemos agora no extremo oposto do carnaval, que é o ritual cristão do Ofício Divino. É o *Ofício das Horas*. Cantando, você marca seu dia pelas histórias contadas através dos salmos e assinaladas pelo movimento do sol, que se esconde em **completas** nas trevas da noite e de novo se acorda em **matinas** alimentando seu trabalho. O canto é ofício. E o nosso relógio, mera maquinação idiota que mecaniza um cotidiano em eterno retorno. Mas os salmos, supondo sempre verdadeira propedêutica, são o ofício do ofício, aquilo que em forma de história nos alimenta periodicamente, organicamente, até a novo despertar. Aí, as situações são todas verossímeis e o algoz pode passar o anjo e o deus pode matar. As guerras se transpõem, tanto para um social atual, o cultural, como para o individual intimamente ritualizado. A salvação chega a cada momento, e, se não ela, a esperança.

Sempre fundado em fatos concretos e palpáveis, embora misteriosos ou ainda inexplicados, o mito resolve a tragédia, dissolve o paradoxo e transfigura o acontecimento em categoria, transformando o processo em situação.

Não retomaremos aqui nem os mitos orientais, nem os cristãos, nem os belíssimos mitos gregos. Estamos na contemporaneidade do mito. E assim voltamos a Drummond, num mito assinado, o poema *A Chave*, sempre do livro *Corpo*:

*E de repente
o resumo de tudo é uma chave.*

*A chave de uma porta que não abre
para o interior desabitado
no solo que inexistente,
mas a chave existe.*

*Aperto-a duramente
para ela sentir que estou sentindo
sua força de chave.*

*O ferro emerge de fazenda submersa.
Que valem escrituras de transferência de domínio
se tenho nas mãos a chave-fazenda
com todos os seus bois e os seus cavalos
e suas éguas e aguadas e abentesmas?
Se tenho nas mãos barbudos proprietários oitocentistas
de que ninguém fala mais, e se falasse
era para dizer: os antigos?
(Sorrio pensando: somos os Modernos
provisórios, a-históricos...)*

*Os Antigos passeiam nos meus dedos.
Eles são os meus dedos substitutos
ou os verdadeiros?
Posso sentir o cheiro de suor dos guardas-mores.
o perfume-Paris das fazendeiras no domingo de missa.
Posso não. Devo.
Sou devedor do meu passado,
cobrado pela chave.*

*Que sentido tem a água represa
no espaço onde as águas do curral
concentram o aboio do crepúsculo?
Onde a casa vive?
Quem dissolve o existido, eternamente
existindo na chave?
O menor grão do café
derrama nesta chave o cafezal.*

*A porta principal, esta é que abre
sem fechadura e gesto.
Abre para o imenso.
Vai-me empurrando e revelando
o que não sei de mim e que está nos Outros.
O serralheiro não sabia
o ato de criação como é potente
e na coisa criada se prolonga,
ressoante.
Escuto a voz da chave, canavial,
uva espremida, berne de bezerro,
esperança de chuva, flor de milho,
o griolo, o sapo, a madrugada, a carta,
a mudez desatada na linguagem
que só a terra fala ao fino ouvido.
E esperto, aperto-a, e de apertá-la,
ela se entranha em mim. Corre nas veias.
É dentro em nós que as coisas são,
ferro em brasa – o ferro de uma chave.*

E como se daria a elaboração do mito? Ela é sem dúvida uma elaboração, por assim dizer, literária. Se toda elaboração literária supõe uma postura diante dos fatos, diante de si próprio e até diante da vida, isso, mais uma vez, resultará numa transfiguração do signo. Conforme a minha postura, terei eu natureza diferente de expressão. Se a minha postura é, por exemplo, a do ressentimento, posso – diante do mesmo fato – fazer de minha expressão comicidade ou até chanchada. Se ela só de dor, talvez eu consiga uma espécie de humorismo, em atitude de denúncia ou pedido de socorro, pois estou

mais do que convicta de que o humorismo nasce da dor. Mas posso também transformar a minha história, radicalizando a metáfora e a radicalizando em anônima razão de ser, consinto que lhe dê a credibilidade sugerida pelo mistério e fundada na verossimilhança da situação. Chego ao mito.

Vou citar um conto meu, por ser ele uma tradução paulatina dessa passagem. Só citar, sem me alongar. Chama-se *O Boi*.

Conta a história de um menino que gostava de olhar nos olhos da mãe, neles enxergando um boi. E repetia: “Eu sou um boi” – “Eu estou vendo o boi dentro dos seus olhos” – estou me vendo dentro dos seus olhos”. A mãe não entendia, e ruminava, ruminava, mas abria os olhos bem arregalados. Na escola pediram ao menino um desenho. Desenhou um homem bem apumado e escreveu embaixo: “Eu sou um boi”. O desenho rendeu por causa da frase. A mãe e o menino foram martirizados com interrogatórios formais. Até que um coordenador encontrou o menino sozinho no pátio, meditativo, e perguntou-lhe sobre o sentido da frase. Para se livrar, o menino respondeu: “Não é boi; é bói”. Mas ao cair da tarde, nem se lembrou de rir da escola. Achegando-se à mãe, grudou os olhos nos olhos dela, e a lua nasceu, e foi então que o boi cresceu, cresceu, acho que assumiu a dimensão do universo. A noite caiu, e os dois ainda ruminavam as próprias imagens.

Bom:

Vamos supor que eu terminasse o conto na frase: “Não é boi; é bói;”. Esse conto seria apenas humorístico: uma crítica à escola. Se além disso, trocasse o título do conto para *O Bói*, eu cairia na chanchada. Como está, ela pula da simbologia poética para a metáfora, e, na radicalização da metáfora, em poucas palavras, produz-se um mito. Nesse tipo de criação a definição da minha postura foi absolutamente fundamental.

Trata-se de um mito assinado, assim como foi assinada *A chave*, a fazenda-chave ou a chave-fazenda.

Só que, na sua atemporalidade, o mito perde a autoria.

E, por isso, ao terminar, também de *Corpo* – e de alma – cito mais um poeminha de Drummond: *Lição*.

*Tarde, a vida me ensina esta lição discreta: a ode
cristalina é a que se faz sem poeta*